

HQ Domingo-Feira¹

Antonio Laudenir Oliveira dos SANTOS²

Jadiel Félix de LIMA³

Mayara de ARAÚJO⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A reportagem em quadrinhos Domingo-Feira é o relato da experiência de dois estudantes de jornalismo em uma das feiras mais tradicionais de Fortaleza, popularmente conhecida como “Feira da Parangaba”. A missão dos repórteres foi narrar, através da imersão in loco e contato com fontes diretas (compradores, vendedores, transeuntes e gestão municipal), como se estabelece a ocupação do espaço público em meio ao ponto de vendas dominical. Após o processo de apuração, inerente à prática jornalística, os dados foram reproduzidos no formato HQ, mostrando que a simbiose entre jornalismo e a nona arte é possível: não se perde o cunho informativo, nem o poder comunicacional dos quadrinhos. A opção pelo formato surge como possibilidade atrativa para leitores e aprofunda a exploração sensível dos personagens e fatos envolvidos nas situações reportadas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo em Quadrinhos; Jornalismo Literário; Impresso; Espaço Público.

INTRODUÇÃO

O Impressões é produzido através da disciplina de Jornal Laboratório da Universidade Federal do Ceará (UFC). A primeira edição foi publicada em 2010 sob a coordenação da docente Klycia Fontenele de Oliveira. Desenvolvido por estudantes do 7º semestre do curso de Comunicação Social (Jornalismo), o produto permite que os dicentes atuem como repórteres, editores, fotógrafos, ilustradores, cronistas e diagramadores.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade 08 Histórias em Quadrinhos (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo da UFC, email: antoniolaudenir@gmail.com.

³ Coautor do trabalho e estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo da UFC, email: emaildojadiel@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social – Jornalismo da UFC, email: jornalista.mayara@gmail.com.

Com eixo temático central, a cada semestre são impressas quatro edições do jornal, que variam de 8 a 16 páginas. Ao longo de 39 edições, o jornal laboratório já abordou pautas como leitura, sexo, shopping centers, saúde mental entre outras. No período letivo de 2015.1, o Impressões foi desenvolvido por 22 alunos, sob orientação da professora Mayara de Araújo, e investigou a ocupação do espaço público de Fortaleza.

A História em Quadrinhos Domingo-Feira foi vinculada em meio à terceira edição e retrata o cotidiano e organização física de uma das mais famosas concentrações de vendas ao ar livre da capital cearense. A “Feira da Parangaba”, também reconhecida como “Feira dos Pássaros”, acontece sempre aos domingos e oferece toda uma gama de produtos que podem variar de animais silvestres, eletrônicos, gêneros alimentícios e até mesmo automóveis.

A opção por investir no formato gibi enseja se alinhar a obras consideradas Jornalismo em Quadrinhos como “Maus - A História de Um Sobrevivente” (Art Spiegelman), “Palestina” (Joe Sacco), “Meninas em Jogo” (Andrea Dip e Alexandre de Maio) e “So Close, Faraway!” (Augusto Paim, Bruno Ortiz e Maurício Piccini). Através da proximidade com as técnicas do Jornalismo Literário, defendido por Lima (2003) como uma produção caracterizada por reportagens aprofundadas e pelo intenso mergulho do repórter na realidade, a proposta é oferecer ao público ângulos mais íntimos da Feira, por muitas vezes, deixados de lado por veículos de comunicação mais tradicionais como TV e Jornal diário.

OBJETIVO

A HQ Domingo-Feira tem como principal objetivo experimentar o uso de narrativas quadrinísticas na elaboração de reportagens literárias guiadas pelo caráter autoral e descritivo. Enquanto produto jornalístico, a proposta é debater um assunto relacionado ao interesse social da população de Fortaleza que é a ocupação desordenada de um de seus espaços públicos. O quadrinho advém do relato de experiências vividas pelos repórteres em meio à Feira ocorrida no dia 03 de maio de 2015, além de visitas à

Secretária Executiva Regional IV, órgão responsável diretamente pelo local onde acontece o evento.

JUSTIFICATIVA

Para produzir o quadrinho jornalístico Domingo-Feira, levou-se em conta de que maneira o Jornalismo Literário se entrelaça com as narrativas quadrinísticas e como diferentes autores contemporâneos utilizam imagem e texto para relatar, através de quadros sequenciais, temas não ficcionais.

Para evitar possíveis equívocos, Silva (2012) resume as diferenças de nomenclatura existentes entre “jornalismo em quadrinhos”, “com quadrinhos” e “de quadrinhos”. O primeiro termo significa a junção da prática jornalística e da linguagem quadrinho. Característica essa proeminente ao objeto aqui apresentado.

Na esteira do “jornalismo com quadrinhos”, o autor cita, como exemplo, os infográficos (é quando o recurso quadrinístico auxilia e dinamiza esta produção). Já o jornalismo de quadrinhos refere-se aquele especializado em noticiar produtos, linguagens e a atualidade da área (SILVA, 2012).

Inserido na proposta discutida por Souza Júnior (2012), encontramos obras como “Palestina”, de autoria do jornalista e cartunista maltês Joe Sacco. Entretanto, é interessante destacar que, apesar do pioneirismo ao nomear a própria produção como Jornalismo em Quadrinhos e gerar visibilidade a essa linguagem híbrida, Joe Sacco não é o único, tampouco o primeiro, a experimentar esta forma narrativa (DUTRA, 2003). Trabalhos anteriores já interferiam no diálogo entre fatos reais e propostas de HQ’s.

Como defende Kristian Williams, através de artigo publicado no *Columbia Journalism Review*, ao combinar imagens com texto, as histórias em quadrinhos podem transmitir muito mais do que as notícias tradicionais para um público com fome de voz e significado (WILLIAMS, 2005).

Outro ponto de vista defendido pelo autor norte-americano lança luz sobre atuação direta de um repórter que opta pela plataforma quadrinhos. Por ter foco, este profissional não seria apenas um neutro condutor de dados, “mas uma pessoa como nós, um ser humano falível, vulneráveis ao preconceito, erro e ignorância. Ao reconhecer a

própria humanidade, o escritor pode incentivar o leitor a pensar criticamente sobre o que ele ou ela lê". (WILLIAMS, 2005).

Mesmo de forma esporádica, veículos tradicionais de comunicação como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Povo (CE) e Extra (RJ) já veicularam algum tipo de produção dessa natureza. A Agência Pública de Jornalismo Investigativo, portal UOL, Revista Fórum também são exemplos nacionais de divulgadores de HQ's jornalísticas exclusivamente para o ambiente online.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Popular e controversa, a “Feira da Parangaba”, também identificada pelos fortalezenses como “Feira dos Pássaros” (devido ao fato destes animais terem sido o primeiro item a ser comercializado no local) está situada no Pólo de Lazer do bairro que dá nome ao ponto. Tradicional ambiente de encontro dominical das pessoas que buscam comprar ou vender algo, a feira livre conta com um movimento intenso de trânsito, comerciantes e produtos.

Com mais de três décadas de existência na capital cearense, o espaço, entretanto, não agrada a todos. É comum moradores das proximidades do local se queixarem da desorganização e transtornos causados pela feira. Seja pelo lixo deixado ao fim do expediente, como também pelas dificuldades de trafegar na região. Além disso, o espaço carrega ainda o estigma de ser um local em que prevelece um comércio ilegal de produtos provenientes de furtos e roubos. Isso lança certa desconfiança sobre os frequentadores do lugar, discurso discriminatório este que, muitas vezes, é reforçado pela cobertura da grande mídia. É o que podemos perceber, por exemplo, logo na abertura de matéria veiculada pelo jornal cearense Diário do Nordeste: “A feira da Parangaba, há mais de 20 anos na ativa, é o maior exemplo do flerte entre informalidade e ilegalidade” (DIÁRIO DO NORDESTE, 2011).

Diante do agendamento da imagem negativa da Feira, a opção da dupla de repórteres era se distanciar desse ponto de vista, porém sem romantizar o lugar e sua tradição. A partir do tema central desenvolvido pela 39ª edição do Impressões - a

ocupação do espaço público - essa manifestação considerada desordenada na perspectiva urbanística mostrou-se como uma oportunidade para exercitar um método de observação jornalístico diferente ao modelo vigente das redações impressas. No caso, a opção dos estudantes foi trabalhar a partir de um olhar guiado pelo Jornalismo Literário.

Dessa forma, faz-se necessário apontar algumas apreciações sobre este modo de produzir informação. Surgido na década de 1960, nos Estados Unidos, o Novo Jornalismo adiantou-se como alternativa de acrescentar subjetividade e diversidade estilística ao texto jornalístico, antes preso às regras da redação, como o uso da pirâmide invertida. Sobre o nascimento dessa nova perspectiva narrativa, Pena (2008) detalha:

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do lead, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor”. (PENA, 2006, p.53)

Advindo do cenário da imprensa europeia do século XIX, a escola do Jornalismo Literário consolidou-se nesse período através de nomes como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer, jornalistas-escritores que publicavam trabalhos em veículos como Esquire e New Yorker.

O Jornalismo Literário não se trata apenas da opção em fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem (PENA, 2006). O conceito em torno do gênero requer articulação mais ampla e levanta o debate sobre sua opção como um caminho de potencialização aos recursos do Jornalismo.

Para Edvaldo Pereira Lima (2012), essa modalidade também conhecida como Jornalismo Narrativo possui elementos construtivos próprios e exigiriam do profissional jornalista uma relação mais pessoal e subjetiva com o fato a ser reportado. O autor defende que Jornalismo Literário seria:

(...) a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e

informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização (LIMA, 2012).

De posse dessas referências sobre a prática do Jornalismo Literário, pode se perceber na visita a campo uma proximidade com o conceito de sete pontas construído por Pena (2006). Como método de sistematizar as características de uma produção classificada como Jornalismo Literário, o autor estabelece um estudo denominado de conceito das sete pontas. Entre os atributos listados pelo pesquisador estão: “potencializar os recursos do jornalismo”, “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”, “proporcionar uma visão ampla da realidade”, “exercitar a cidadania”, , “evitar os definidores primários”, “romper com as correntes do lide” e “perenidade” (PENA, 2006).

A potencialização dos recursos do jornalismo se deu na medida em que os repórteres não ignoraram as técnicas jornalísticas aprendidas em sala de aula e não se distanciaram das técnicas comuns à profissão. Pelo contrário, a opção foi desenvolver estes princípios como uma forma de constituir novas estratégias narrativas. Elementos fundamentais como apuração (número de feirantes, delimitação da área geográfica da feira, mapeamento do espaço por tipo de produtos vendidos, etc) observação atenta da cena do fato (momento em que a HQ descreve a cena de uma galinha sendo “leiloadá”), e ética (pluralidade das fontes, anonimato de personagens e olhar despido de preconceitos, etc.) foram basilares na visita de campo.

Em se tratando dos limites do acontecimento cotidiano, a Domingo-Feira se enquadra nessa categoria exatamente pela dedicação de horas de imersão na cena do fato. Diferentemente da cobertura factual convencional, amarrada a pontos como periodicidade e atualidade, essa experiência foge a esses ditames por ter sido veiculada em um jornal laboratorial, cuja lógica de produção não atende às demandas do mercado, o que proporcionou a oportunidade de os repórteres vivenciarem a feira desde seu início, pela manhã, até seu encerramento, ao pôr-do-sol.

Na terceira ponta, a visão ampla da realidade consistiu pela intenção de contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. Como forma de apresentar ao leitor como se dá a organização espacial da feira, a opção da equipe se

deu por percorrer a área de abrangência da feira, que é de aproximadamente 17.921 m².

Área esta apresentada ao leitor por meio de um mapa.



Figura 1 – Mapa que identifica as zonas de venda da feira.

Fonte: Reprodução HQ Domingo-Feira, 2015.

Na terceira ponta, a visão ampla da realidade consistiu pela intenção de contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. Como forma de apresententar ao leitor como se dá a organização espacial da feira, a opção da equipe se deu por percorrer a área de abrangência da feira, que é de aproximadamente 17.921 m². Área esta apresentada ao leitor por meio de um mapa.

O exercício da cidadania refere-se ao respeito dado às fontes ao entender que aquela manifestação é algo consolidado, portanto, a linha de postura não se baseou na

criminalização dos sujeitos da história. Isso aponta para a quinta característica que é evitar dialogar apenas com fontes oficiais. Os personagens da HQ Domingo-Feira são vendedores, transeuntes, consumidores, gente que protagoniza o acontecimento. Mesmo assim, para não se distanciar da prática jornalística, citada anteriormente, o poder público foi procurado por meio da Secretaria Executiva Regional IV.

A opção pelo formato quadrinhos por si só já configura uma alternativa ao modelo convencional de abertura de textos jornalísticos e finalizando, a busca dos estudantes foi por produzir um material distante da efemeridade e superficialidade. A intenção foi produzir um tipo de produto capaz de influenciar o imaginário coletivo e individual em diferentes abordagens históricas.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A HQ é constituída de duas páginas onde a ordem cronológica dos fatos ditou a narrativa. Ou seja, a história tem início com a chegada dos repórteres à feira e é concluída com o fechamento das barracas e a despedida dos comerciantes. Ao longo desse dia de funcionamento, foram registradas cenas corriqueiras e outras inusitadas dos atores diretamente ligados com a realização da feira.

A escolha pela escala de preto e branco e variações de cinza deu-se pela limitação técnica da impressão do jornal laboratório, realizada pela Imprensa oficial da UFC. O processo de criação das ilustrações foi realizado a partir da observação no dia da visita à feira. Ao passo que as cenas se desenrolavam na frente dos repórteres, o estudante responsável pela ilustração rabiscava os personagens, o cenário e detalhes comportamentais, em um processo de criação em tempo real. A edição foi se construindo a partir do momento em que a apuração e a imersão aconteciam. O único direcionamento da dupla foi investigar como aquela antiga ocupação se organizava, se é que se organizava, e como se encaixava na proposta editorial do Impressões.

Após a fase de campo, a etapa seguinte configurou-se em ouvir o poder público. Encerrada a coleta de informações, teve início a construção do roteiro que obedeceu aos parâmetros cronológicos. Outro momento decisivo foi a adequação dos recursos visuais da HQ à narrativa jornalística. Um ponto que merece destaque nesse cruzamento é a

escolha por não inserir os repórteres nos cenários da história. A intervenção dos estudantes foi apenas mencionada pela inclusão de balões graficamente diferentes daqueles dos personagens.



Figura 2 – Balões diferentes identificam voz dos repórteres.

Fonte: Reprodução HQ Domingo-Feira, 2015.

Após a fase de campo, a etapa seguinte configurou-se em ouvir o poder público. Encerrada a coleta de informações, teve início a construção do roteiro que obedeceu aos parâmetros cronológicos. Outro momento decisivo foi a adequação dos recursos visuais da HQ à narrativa jornalística. Um ponto que merece destaque nesse cruzamento é a escolha por não inserir os repórteres nos cenários da história. A intervenção dos estudantes foi apenas mencionada pela inclusão de balões graficamente diferentes daqueles dos personagens, o que marca o aspecto subjetivo comumente expressado no Jornalismo Literário.

CONSIDERAÇÕES

A experiência da HQ Domingo-Feira esgarça uma oportunidade única dentro do cotidiano profissional jornalístico. Diante das constantes transformações observadas na rotina produtiva do Jornalismo, experimentar novos formatos e modos de contar histórias é uma forma salutar de prática. Como uma produção laboratorial vinculada a

uma disciplina, a iniciativa explorou elementos como ineditismo, criatividade e relevância social tão caros ao aprendizado acadêmico.

Investir em uma reportagem na forma de quadrinhos, que obedece aos preceitos do jornalismo literário, é uma lição interdisciplinar que não se encerra na impressão do jornal, mas irá reverberar no exercício jornalísticos de todos os estudantes que puderam colaborar direta ou indiretamente para a realização dessa empreitada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIÁRIO DO NORDESTE. **Feira de ilegalidades todo fim de semana**. 27 de agosto de 2011. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/negocios/feira-de-ilegalidades-todo-fim-de-semana-1.696799>. Acesso em 01 mai. 2016

DUTRA, Antonio Aristides Correia. **Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

JUNIOR, Juscelino Neco de Souza. **A linguagem dos quadrinhos e o jornalismo**. In: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Blumenau – Santa Catarina, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **CONCEITOS**. Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Disponível em: <<http://www.abjl.org.br>>. Acesso em 16 jun. 2012

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa. **As Histórias em Quadrinhos como Gênero Jornalístico Híbrido: o Jornalismo em Quadrinhos** In: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza - Ceará, 2012.

WILLIAMS, Kristian. **The Case for Comics Journalism: Artist-Reporters Leap Tall Conventions in a Single Bound**. Disponível em <http://www.kristianwilliams.com/comics/>; Acesso em 10/09/2015.